

A MORENINHA
JOAQUIM MANUEL DE MACEDO

 **CLÁSSICOS
SARAIVA**

Prêmio internacional HOW Design Annual – 2010
para as capas da coleção. *HOW Magazine* é
renomada revista americana de design gráfico.

Prêmio internacional AIGA 50 Books/50Covers –
2008 para o projeto gráfico da coleção pelo
American Institute of Graphic Arts (AIGA).

A MORENINHA

JOAQUIM MANUEL DE MACEDO



CLÁSSICOS
SARAIVA



Editora
Saraiva

Gerente editorial

Rogério Gastaldo

Coordenação editorial e de produção

Edições Jogo de Amarelinha

Editora-assistente

Solange Mingorance

Projeto gráfico, capa e edição de arte

Rex Design

Ilustração da capa

Carvall

Diagramação

Rex Design

Cotejo de originais

Rodrigo Petronio

Revisão

Miriam de Carvalho Abões

Viviane Teixeira Mendes

Elaboração *Diários de um Clássico, Contextualização Histórica e Suplemento de Atividades*

Rodrigo Petronio

Elaboração *Entrevista Imaginária e Projeto Leitura e Didatização*

Vicente Luís de Castro Pereira

Impressão e acabamento**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Macedo, Joaquim Manuel de, 1820-1882.

A Moreninha / Joaquim Manuel de Macedo. – São Paulo : Saraiva, 2008.

– (Clássicos Saraiva)

Suplementado por caderno de atividades.

Suplementado por roteiro do professor.

ISBN 978-85-02-07291-6

1. Contos brasileiros I. Título. II. Série.

08-06069

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura brasileira 869.93

12ª tiragem, 2019

© Editora Saraiva, 2008

SARAIVA Educação S.A.

Av. das Nações Unidas, 7.221 – 2º andar – Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP

Tel.: 4003-3061

atendimento@aticascipione.com.br

www.coletivoleitor.com.br

Todos os direitos reservados.

Caro leitor,

Durante todo o ensino fundamental, o estudante terá percorrido oito ou nove anos de leitura de textos variados. Ao chegar ao ensino médio, ele passa a ter contato com o estudo sistematizado de literatura brasileira. Nesse sentido, aprende a situar autores e obras na linha do tempo, a identificar a estética literária a que pertencem etc. Mas não passa, necessariamente, a ler mais.

*É tempo de repensar esse caminho. É hora de propor novos rumos à leitura e à forma como se lê. Os **CLÁSSICOS SARAIVA** pretendem oferecer ao estudante e ao professor uma gama de opções de leitura que proporcione um modo de organizar o trabalho de formação de leitores competentes, de consolidação de hábitos de leitura, e também de preparação para o vestibular e para a vida adulta. Apresentando obras clássicas da literatura brasileira, portuguesa e universal, oferecemos a possibilidade de estabelecer um diálogo entre autores, entre obras, entre estilos, entre tempos diferentes.*

Afinal, por que não promover diálogos internos na literatura e também com outras artes e linguagens? Veja o que nos diz o professor William Cereja: “A literatura é um fenômeno artístico e cultural vivo, dinâmico, complexo, que não caminha de forma linear e isolada. Os diálogos que ocorrem em seu interior transcendem fronteiras geográficas e linguísticas. Ora, se o percurso da própria literatura está cheio de rupturas, retomadas e saltos, por que o professor, prendendo-se à rigidez da cronologia histórica, deveria engessá-la?”.

*Esperamos oferecer ao jovem leitor e ao público em geral um panorama de obras de leitura fundamental para a formação de um cidadão consciente e bem preparado para o mundo do século XXI. Para tanto, além da seleção de textos de grande valor da literatura brasileira, portuguesa e universal, os **CLÁSSICOS SARAIVA** apresentam, ao final de cada livro, os **DIÁRIOS DE UM CLÁSSICO** – um panorama do autor, de sua obra, de sua linguagem e estilo, do mundo em que viveu e muito mais. Além disso, oferecemos um painel de textos para a **CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA** – contextos históricos, sociais e culturais relacionados ao período literário em que a obra floresceu. Por fim, oferecemos uma **ENTREVISTA IMAGINÁRIA** com o Autor – conversa fictícia com o escritor em algum momento-chave de sua vida.*

Desejamos que você, caríssimo leitor, desfrute do prazer da leitura.

SUMÁRIO

A MORENINHA

- I. APOSTA IMPRUDENTE 9
- II. FABRÍCIO EM APUROS 17
- III. MANHÃ DE SÁBADO 26
- IV. FALTA DE CONDESCENDÊNCIA 33
- V. JANTAR CONVERSADO 38
- VI. AUGUSTO COM SEUS AMORES 49
- VII. OS DOIS BREVES, BRANCO E VERDE 53
- VIII. AUGUSTO PROSSEGUINDO 61
- IX. A SRA. D. ANA COM SUAS HISTÓRIAS 70
- X. A BALADA NO ROCHEDO 75
- XI. TRAVESSURAS DE D. CAROLINA 81
- XII. MEIA HORA EMBAIXO DA CAMA 86
- XIII. OS QUATRO EM CONFERÊNCIA 94
- XIV. PEDILÚVIO SENTIMENTAL 101
- XV. UM DIA EM QUATRO PALAVRAS 106
- XVI. O SARAU 112
- XVII. FORAM BUSCAR LÃ E SAÍRAM TOSQUIADAS 118
- XVIII. ACHOU QUEM O TOSQUIASSE 125
- XIX. ENTREMOS NOS CORAÇÕES 130
- XX. PRIMEIRO DOMINGO: ELE MARCA 138
- XXI. SEGUNDO DOMINGO: BRINCANDO COM BONECAS 144
- XXII. MAU TEMPO 151
- XXIII. A ESMERALDA E O CAMAFEU 157
- EPÍLOGO 164

- DIÁRIOS DE UM CLÁSSICO 167
- CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA 185
- ENTREVISTA IMAGINÁRIA 195

I. APOSTA IMPRUDENTE

– Bravo! exclamou Filipe, entrando e despiando a casaca, que pendurou em um cabide velho. Bravo!... interessante cena! Mas certo que desonrosa fora para casa de um estudante de Medicina e já no sexto ano, a não valer-lhe o adágio antigo: o hábito não faz o monge.

– Temos discurso!... atenção!... ordem!... gritaram a um tempo três vozes.

– Coisa célebre! acrescentou Leopoldo. Filipe sempre se torna orador depois do jantar...

– E dá-lhe para fazer epigramas, disse Fabrício.

– Naturalmente, acudiu Leopoldo, que, por dono da casa, maior quinhão houvera no cumprimento do recém-chegado; naturalmente Bocage, quando tomava carraspana¹, descompu-nha os médicos.

– *C'est trop fort!*² bocejou Augusto, espreguiçando-se no canapé³ em que se achava deitado.

– Como quiserem, continuou Filipe, pondo-se em hábitos menores; mas, por minha vida, que a carraspana de hoje ainda me concede apreciar devidamente aqui o meu amigo Fabrício, que talvez acaba de chegar de alguma visita diplomática, vestido com esmero e alinhô, porém, tendo a cabeça encapuzada com a vermelha e velha carapuça do Leopoldo; este, ali escondido dentro do seu *robe de chambre* cor de burro quando foge, e sentado em uma cadeira tão desconjuntada que, para não cair com ela, põe em ação todas as leis de equilíbrio, que estudou em Pouillet³; acolá, enfim, o meu romântico Augusto, em ceroulas, com as fraldas à mostra, estirado em um canapé⁴ em tão bom uso,

1 Carraspana: bebedeira, pileque (Nota do Editor).

2 *C'est trop fort!*: expressão em francês que significa "É forte demais!". No contexto, ela é usada para demonstrar enfado, dizer que o assunto em questão não lhe interessa. Notar a predominância de expressões em francês em razão da importância da cultura francesa no Brasil do século XIX.

3 Referência a Claude Servais Matias Pouillet (1790-1862). Físico e político francês nascido nos arredores de Paris, criador da Lei de Pouillet para circuitos e que, com o britânico John F. W. Herschel, calculou as primeiras medidas quantitativas do calor emitido pelo Sol (1837-1838).

4 Canapé: espécie de sofá com encosto e braços.

que ainda agora mesmo fez com que Leopoldo se lembrasse de Bocage⁵. Oh! VV. SS. tomam café!... Ali o senhor descansa a xícara azul em um pires de porcelana... aquele tem uma chávena com belos lavores dourados, mas o pires é cor-de-rosa... aquele outro nem porcelana, nem lavores, nem cor azul ou de rosa, nem xícara... nem pires... aquilo é uma tigela num prato...

– Carraspana!... carraspana!...

– Ó moleque! prosseguiu Filipe, voltando-se para o corredor, traze-me café, ainda que seja no púcaro⁶ em que o coas; pois creio que a não ser a falta de louças, já teu senhor mo teria oferecido.

– Carraspana!... carraspana!...

– Sim, continuou ele, eu vejo que vocês...

– Carraspana!... carraspana!...

– Não sei de nós quem mostra...

– Carraspana!... carraspana!...

Seguiram-se alguns momentos de silêncio; ficaram os quatro estudantes assim a modo de moças quando jogam o siso. Filipe não falava, por conhecer o propósito em que estavam os três de lhe não deixar concluir uma só proposição, e estes, porque esperavam vê-lo abrir a boca para gritar-lhe: carraspana!...

10

Enfim, foi ainda Filipe o primeiro que falou, exclamando de repente:

– Paz! paz!...

– Ah! já?... disse Leopoldo, que era o mais influído.

– Filipe é como o galego, disse um outro; perderia tudo para não guardar silêncio uma hora.

– Está bem, o passado, o passado; protesto não falar mais nunca na carapuça, nem nas cadeiras, nem no canapé, nem na louça do Leopoldo... Estão no caso... sim...

– Hein?... olha a carraspana.

– Basta! vamos a negócio mais sério. Onde vão vocês passar o dia de Sant'Ana?

– Por quê?... temos patuscada?⁷... acudiu Leopoldo.

– Minha avó chama-se Ana.

⁵ Alude ao conhecido epigrama de Bocage:

Quando a velha antiguidade

Por estas casas entrou

Disse àquele canapé:

– Sua bênção, meu avô (Nota do Autor).

⁶ Púcaro: recipiente com asa.

⁷ Patuscada: festa.

- Ergo⁸!...
- Estou habilitado para convidá-los a vir passar a véspera e dia de Sant’Ana conosco na ilha de...
- Eu vou, disse prontamente Leopoldo.
- E dois, acudiu Fabrício.
- Augusto só guardou silêncio.
- E tu, Augusto?... perguntou Filipe.
- Eu?... eu não conheço tua avó.
- Ora, sou seu criado; também eu não a conheço, disse Fabrício.
- Nem eu, acrescentou Leopoldo.
- Não conhecem a avó; mas conhecem o neto, disse Filipe.
- E ademais, tornou Fabrício, palavra de honra que nenhum de nós tomará o trabalho de lá ir por causa da velha.
- Augusto, minha avó é a velha mais patusca do Rio de Janeiro.
- Sim?... que idade tem?
- Sessenta anos.
- Está fresquinha ainda... Ora... se um de nós a enfeitça e se faz avô de Filipe!...
- E ela, que possui talvez seus duzentos mil cruzados, não é assim, Filipe? Olha, se é assim, e tua avó se lembrasse de querer casar comigo, disse Fabrício, juro que mais depressa daria o meu “recebo a vós” aos cobres da velha, do que a qualquer das nossas “toma-larguras”⁹ da moda.
- Por quem são!... deixem minha avó e tratemos da patuscada. Então tu vais, Augusto?
- Não.
- É uma bonita ilha.
- Não duvido.
- Reuniremos uma sociedade pouco numerosa, mas bem escolhida.
- Melhor para vocês.
- No domingo, à noite, teremos um baile.
- Estimo que se divirtam.
- Minhas primas vão.
- Não as conheço.
- São bonitas.

8 Ergo: em latim, significa “logo”, “portanto”.

9 Toma-larguras: criadas do paço, do palácio.

– Que me importa?... Deixe-me. Vocês sabem o meu fraco e caem-me logo com ele: moças!... moças!... Confesso que dou o cavaco por elas, mas as moças me têm posto velho.

– É porque ele não conhece tuas primas, disse Fabrício.

– Ora... o que poderão ser senão demoninhas, como são todas as outras moças bonitas?

– Então tuas primas são gentis?... perguntou Leopoldo a Filipe.

– A mais velha, respondeu este, tem dezessete anos, chama-se Joana, tem cabelos negros, belos olhos da mesma cor, e é pálida.

– Hein?... exclamou Augusto, pondo-se de um pulo duas braças longe do canapé onde estava deitado, então ela é pálida?...

– A mais moça tem um ano de menos: loura, de olhos azuis, faces cor-de-rosa... seio de alabastro... dentes...

– Como se chama?

– Joaquina.

– Ai, meus pecados!... disse Augusto.

– Vejam como Augusto já está enternecido...

12 – Mas, Filipe, tu já me disseste que tinhas uma irmã.

– Sim: é uma moreninha de quatorze anos.

– Moreninha? diabo!... exclamou outra vez Augusto, dando novo pulo.

– Está sabido... Augusto não relaxa a patuscada.

– É que este ano já tenho pagodeado meu *quantum satis*¹⁰, e, assim como vocês, também eu quero andar em dia com alguns senhores com quem nos é muito preciso estar de contas justas no mês de novembro.

– Mas a pálida?... a loura?... a moreninha?...

– Que interessante terceto! exclamou com tom teatral Augusto; que coleção de belos tipos!... uma jovem de dezessete anos, pálida... romântica e, portanto, sublime; uma outra, loura... de olhos azuis... faces cor-de-rosa... e... não sei que mais: enfim, clássica e por isso bela. Por último uma terceira de quatorze anos... moreninha, que, ou seja, romântica ou clássica, prosaica ou poética, ingênua ou misteriosa, há de, por força, ser interessante, travessa e engraçada; e por consequência qualquer das três, ou todas ao mesmo tempo, muito capazes de fazer de

10 *Quantum satis*: em latim, significa “o que basta” ou “quanto basta”. Em linguagem médica, a dose suficiente de um medicamento (QB). O estudante diz que já se fartou.

minha alma peteca, de meu coração pitorra¹¹!... Está tratado... não há remédio... Filipe, vou visitar tua avó. Sim, é melhor passar os dois dias estudando alegremente nesses três interessantes volumes da grande obra da natureza do que gastar as horas, por exemplo, sobre um célebre Velpeau¹², que só ele faz por sua conta e risco mais citações em cada página do que todos os meirinhos reunidos fizeram, fazem e hão de fazer pelo mundo.

– Bela consequência! É raciocínio o teu que faria inveja a um calouro, disse Fabrício.

– Bem raciocinado... não tem dúvida, acudiu Filipe; então, conto contigo, Augusto?

– Dou-te palavra... e mesmo porque eu devo visitar tua avó.

– Sim... já sei... isso dirás tu a ela.

– Mas vocês não têm reparado que Fabrício tornou-se amuado e pensativo, desde que se falou nas primas de Filipe?...

– Disseram-me que ele anda enrabichado com minha prima Joaninha.

– A pálida?... pois eu já me vou dispondo a fazer meu pé de alferes¹³ com a loura.

– E tu, Augusto, quererás porventura requestar¹⁴ minha irmã?... 13

– É possível.

– E de que gostarás mais, da pálida, da loura ou da moreninha?...

– Creio que gostarei, principalmente, de todas.

– Ei-lo aí com a sua mania.

– Augusto é incorrigível.

– Não, é romântico.

– Nem uma coisa nem outra... é um grandíssimo velhaco.

– Não diz o que sente.

– Não sente o que diz.

– Faz mais do que isso, pois diz o que não sente.

– O que quiserem... Serei incorrigível, romântico ou velhaco, não digo o que sinto, não sinto o que digo, ou mesmo digo o que não sinto; sou, enfim, mau e perigoso e vocês inocentes e anjinhos. Todavia, eu a ninguém escondo os sentimentos que

11 Pitorra: pequeno pião.

12 Velpeau: Alfredo Luís Armando Maria Velpeau (1795-1867). Cirurgião e fisiologista francês.

13 Fazer pé de alferes: namorar, cortejar uma moça.

14 Requestar: fazer solicitação, pedir insistentemente; cortejar.

ainda há pouco mostrei, e em toda a parte confesso que sou volúvel, inconstante e incapaz de amar três dias um mesmo objeto; verdade seja que nada há mais fácil do que me ouvirem um “eu vos amo”, mas também a nenhuma pedi ainda que me desse fé; pelo contrário, digo a todas o como sou e, se, apesar de tal, sua vaidade é tanta que se supõem inesquecíveis, a culpa, certo, que não é minha. Eis o que faço. E vós, meus caros amigos, que blasonais de firmeza de rochedo, vós jurais amor eterno cem vezes por ano a cem diversas belezas... vós sois tanto ou ainda mais inconstantes que eu!... mas entre nós há sempre uma grande diferença: vós enganais e eu desengano; eu digo a verdade e vós, meus senhores, mentis...

– Está romântico!... está romântico!... exclamaram os três, rindo às gargalhadas.

– A alma que Deus me deu, continuou Augusto, é sensível demais para reter por muito tempo uma mesma impressão. Sou inconstante, mas sou feliz na minha inconstância, porque, apaixonando-me tantas vezes, não chego nunca a amar uma vez.

– Oh!... oh!... que horror!... que horror!...

14

– Sim! esse sentimento que voto às vezes a dez jovens num só dia, às vezes, numa mesma hora, não é amor, certamente. Por minha vida, interessantes senhores, meus pensamentos nunca têm dama, porque sempre têm damas; eu nunca amei... eu não amo ainda... eu não amarei jamais...

– Ah!... ah!... ah!... e como ele diz aquilo!

– Ou, se querem, precisarei melhor o meu programa sentimental; lá vai: afirmo, meus senhores, que meu pensamento nunca se ocupou, não se ocupa, nem se há de ocupar de uma mesma moça quinze dias.

– E eu afirmo que segunda-feira voltarás da ilha de... loucamente apaixonado de alguma de minhas primas.

– Pode bem suceder que de ambas.

– E que todo o resto do ano letivo passarás pela rua de... duas e três vezes por dia, somente com o fim de vê-la.

– Assevero que não.

– Assevero que sim.

– Quem?... eu?... eu mesmo passar duas e três vezes por dia por uma só rua, por causa de uma moça?... e para quê?... para vê-la lançar-me olhos de ternura, ou sorrir-se brandamente quando eu para ela olhar, e depois fazer-me caretas ao lhe dar as

costas?... para que ela chame as vizinhas que lhe devem ajudar a chamar-me tolo, pateta, basbaque e namorado?... Não, minhas belas senhoras da moda! eu vos conheço... amante apaixonado quando vos vejo, esqueço-me de vós duas horas depois de deixar-vos. Fora disto só queimarei o incenso da ironia no altar de vossa vaidade; fingirei obedecer a vossos caprichos e somente zombarei deles. Ah!... muitas vezes, alguma de vós, quando me ouviu dizer: “sois encantadora”, está dizendo consigo: “ele me adora”, enquanto eu digo também comigo: “que vaidosa!”

– Que vaidoso!... te digo eu, exclamou Filipe.

– Ora, esta não é má!... Então vocês querem governar o meu coração?...

– Não; porém, eu torno a afirmar que tu amarás uma de minhas primas todo o tempo que for da vontade dela.

– Que mimos de amor que são as primas deste senhor!...

– Eu te mostrarei.

– Juro que não.

– Aposto que sim.

– Aposto que não.

– Papel e tinta, escreva-se a aposta.

– Mas tu me dás muita vantagem e eu rejeitaria a menor.

Tens apenas duas primas; é um número de feiticeiras muito limitado. Não sejam só elas as únicas magas que em teu favor invoques para me encantar. Meus sentimentos ofendem, talvez, a vaidade de todas as belas; todas as belas, pois, tenham o direito de te fazer ganhar a aposta, meu valente campeão do amor constante!

– Como quiseres, mas escreve.

– E quem perder?...

– Pagará a todos nós um almoço no Pharoux, disse Fabrício.

– Qual almoço! acudiu Leopoldo. Pagará um camarote no primeiro drama novo que representar o nosso João Caetano¹⁵.

– Nem almoço, nem camarote, concluiu Filipe; se perderes, escreverás a história da tua derrota, e se ganhares, escreverei o triunfo da tua inconstância.

– Bem, escrever-se-á um romance, e um de nós dois, o infeliz, será o autor.

Augusto escreveu primeira, segunda e terceira vez o termo da aposta, mas depois de longa e vigorosa discussão, em que qualquer dos quatro falou duas vezes sobre a matéria, uma para

¹⁵ João Caetano: menção a ator brasileiro (1808-1863) que desempenhou papel destacado na criação de um teatro nacional.

responder e dez ou doze pela ordem; depois de se oferecerem quinze emendas e vinte artigos aditivos, caiu tudo por grande maioria, e entre bravos, apoiados e aplausos, foi aprovado, salva a redação, o seguinte termo:

“No dia 20 de julho de 18... na sala parlamentar da casa nº... da rua de... sendo testemunhas os estudantes Fabrício e Leopoldo, acordaram Filipe e Augusto, também estudantes, que, se até o dia 20 de agosto do corrente ano o segundo acordante tiver amado a uma só mulher durante quinze dias ou mais, será obrigado a escrever um romance em que tal acontecimento confesse; e, no caso contrário, igual pena sofrerá o primeiro acordante. Sala parlamentar, 20 de julho de 18... Salva a redação.”

Como testemunhas: Fabrício e Leopoldo.

Acordantes: Filipe e Augusto.

E eram oito horas da noite quando se levantou a sessão.

II. FABRÍCIO EM APUROS

A cena que se passou teve lugar numa segunda-feira. Já lá se foram quatro dias, hoje é sexta-feira, amanhã será sábado, não um sábado como outro qualquer, mas um sábado véspera de Sant'Ana.

São dez horas da noite. Os sinos tocaram a recolher. Augusto está só, sentado junto de sua mesa, tendo diante de seus olhos seis ou sete livros e papéis, pena e toda essa série de coisas que compõem a família do estudante.

É inútil descrever o quarto de um estudante: aí nada se encontra de novo. Ao muito acharão uma estante, onde ele guarda os seus livros, um cabide, onde pendura a casaca, o moringue¹⁶, o castiçal, a cama, uma, até duas canastras¹⁷ de roupa, o chapéu, a bengala e a bacia; a mesa onde escreve e que só apresenta de recomendável a gaveta, cheia de papéis, de cartas de família, de flores e fitinhas misteriosas, é pouco mais ou menos assim o quarto de Augusto.

Agora ele está só. Às sete horas, desse quarto saíram três amigos: Filipe, Leopoldo e Fabrício. Trataram da viagem para a ilha de... no dia seguinte retiraram-se descontentes, porque Augusto não se quis convencer de que deveria dar um ponto na Clínica para ir com eles ao amanhecer. Augusto tinha respondido: Ora vivam! bem basta que eu faça gazeta na aula de partos; não vou senão às dez horas do dia.

E, pois, despediram-se amuados. Fabrício queria ainda demorar-se e mesmo ficar com Augusto, mas Leopoldo e Filipe o levaram consigo, à força. Fabrício fez-se acompanhar do moleque que servia Augusto, porque, dizia ele, tinha um papel de importância a mandar.

Eram dez horas da noite, e nada do moleque. Augusto via-se atormentado pela fome, e Rafael, o seu querido moleque, não

¹⁶ Moringue: moringa, recipiente.

¹⁷ Canastra: espécie de cesta quadrangular.

aparecia... O bom Rafael, que era ao mesmo tempo o seu cozinheiro, limpa-botas, cabeleireiro, moço de recados e... e tudo mais que as urgências mandavam que ele fosse.

Com justa razão, portanto, estava cuidadoso Augusto, que de momento a momento exclamava:

– Vejam isto!... já tocou a recolher e Rafael está ainda na rua! Se cai nas unhas de algum beleguim⁸, não é, decerto, o sr. Fabrício quem há de pagar as despesas da Casa de Correção... Pobre do Rafael! que cavaco não dará quando lhe raparem os cabelos!

Mas neste momento ouviu-se tropel na escada... Era Rafael, que trazia uma carta de Fabrício, e que foi aprontar o chá, enquanto Augusto lia a carta. Ei-la aqui:

“Augusto. Demorei o Rafael, porque era longo o que tenho de escrever-te. Melhor seria que eu te falasse, porém, bem viste as impertinências de Filipe e Leopoldo. Felizmente, acabam de deixar-me. Que macistas!... Principio por dizer-te que te vou pedir um favor, do qual dependerá o meu prazer e sossego na ilha de... Conto com a tua amizade, tanto mais que foram os teus princípios que me levaram aos apuros em que ora me vejo. Eis o caso.

18 *Tu sabes, Augusto, que, concordando com algumas de tuas opiniões a respeito de amor, sempre entendi que uma namorada é traste tão essencial ao estudante como o chapéu com que se cobre ou o livro em que estuda. Concordei mesmo algumas vezes em dar batalha a dois e três castelos a um tempo; porém tu não ignoras que a semelhante respeito estamos discordes no mais: tu és ultrarromântico e eu ultraclássico.*

O meu sistema era este:

1º. Não namorar moça de sobrado. Daqui tirava eu dois proventos, a saber: não pagava o moleque para me levar recados e dava sossegadamente, e à mercê das trevas, meus beijos por entre os postigos das janelas.

2º. Não requestar moça endinheirada. Assim eu não ia ao teatro para vê-la, nem aos bailes para com ela dançar, e poupava os meu cobres.

3º. Fingir ciúmes e ficar mal com a namorada em tempo de festas e barracas no campo. E por tal modo livrava-me de pagar doces, festas e outras impertinências.

Estas eram as bases fundamentais do meu sistema.

18 Beleguim: oficial de justiça, agente policial.

Ora, tu te lembrarás que bradavas contra o meu proceder, como indigno da minha categoria de estudante; e, apesar de me ajudares a comer saborosas empadas, quitutes apimentados e finos doces, com que as belas pagavam por vezes minha assiduidade amantética¹⁹, tu exclamavas:

– Fabrício! não convém tais amores ao jovem de letras e de espírito. O estudante deve considerar o amor como um excitante que desperte e ateie as faculdades de sua alma: pode mesmo amar uma moça feia e estúpida, contanto que sua imaginação lha represente bela e espirituosa. Em amor a imaginação é tudo: é ardendo em chamas, é elevado nas asas de seus delírios que o mancebo se faz poeta por amor.

Eu então te respondia:

– Mas quando as chamas se apagam, e as asas dos delírios se desfazem, o poeta por amor não tem, como eu, nem quitutes nem empadas.

E tu me tornavas:

– É porque ainda não experimentaste o que nos prepara o que se chama amor platônico, paixão romântica! Ainda não sentiste como é belo derramar-se a alma toda inteira de um jovem na carta abrasadora que escreve à sua adorada e receber em troca uma alma de moça, derramada toda inteira em suas letras, que tantas mil vezes se beija.

Ora, esses derramamentos de alma bastante me assustavam, porque eu me lembro que em patologia se trata mui seriamente dos derramamentos.

Mas tu prosseguias:

– E depois, como é sublime deitar-se o estudante no solitário leito e ver-se acompanhado pela imagem da bela que lhe vela no pensamento, ou despertar ao momento de ver-se em sonhos sorvendo-lhe nos lábios voluptuosos beijos!

Ainda estes argumentos me não convenciam suficientemente, porque eu pensava: 1.º que essa imagem que vela no pensamento não será a melhor companhia possível para um estudante, principalmente quando ela lhe velasse na véspera de alguma sabatina; 2.º porque eu sempre acho muito mais apreciável sorver os beijos voluptuosos por entre os postigos de uma janela, do que sorvê-los em sonhos e acordar com água na boca. Beijos por beijos antes os reais que os sonhados.

19 Amantética: o que ou aquele que ama ou se apaixona.

Além disto, no teu sistema nunca se fala em empadas, doces, petiscos etc.; no meu eles aparecem e tu, apesar de romântico, nunca viraste as costas nem fizeste má cara a esses despojos de minhas batalhas.

Mas enfim, maldita curiosidade de rapaz!... eu quis experimentar o amor platônico, e dirigindo-me certa noite ao teatro S. Pedro de Alcântara, disse entre mim: esta noite hei de entabular um namoro romântico.

Entabulei-o, sr. Augusto de uma figa!... entabulei-o, e quer saber como?... Saí fora do meu elemento e espichei-me completamente. Estou em apuros.

Eis o caso:

20 *Nessa noite fui para o superior; eu ia entabular um namoro romântico, e não podia ser de outro modo. Para ser tudo à romântica, consegui entrar antes de todos; fui o primeiro a sentar-me; ainda o lustre monstro não estava aceso; vi-o descer e subir depois, brilhante de luzes, vi se irem enchendo os camarotes; finalmente eu, que tinha estado no vácuo, achei-me no mundo: o teatro estava cheio. Consultei com meus botões como devia principiar e concluí que para portar-me romanticamente deveria namorar alguma moça que estivesse na quarta ordem. Levantei os olhos, vi uma que olhava para o meu lado, e então pensei comigo mesmo: seja aquela!... Não sei se é bonita ou feia, mas que importa? Um romântico não cura dessas futilidades. Tirei, pois, da casaca o meu lenço branco, para fingir que enxugava o suor, abanar-me e enfim fazer todas essas macaquices que eu ainda ignorava que estavam condenadas pelo romantismo. Porém, ó infortúnio!... quando de novo olhei para o camarote, a moça se tinha voltado completamente para a tribuna; tossi, tomei tabaco, assoei-me, espirrei e a pequena... nem caso; parecia que o negócio com ela não era. Começou a ouverture²⁰... nada; levantou-se o pano, ela voltou os olhos para a cena, sem olhar para o meu lado. Representou-se o primeiro ato... Tempo perdido. Veio o pano finalmente abaixo.*

– Agora sim, começará o nosso telégrafo a trabalhar, disse eu comigo mesmo, erguendo-me para tornar-me mais saliente.

Porém, nova desgraça! Mal me tinha levantado, quando a moça ergueu-se por sua vez e retirou-se para dentro do camarote, sem dizer por que, nem por que não.

– Isto só pelo diabo!... exclamei eu involuntariamente, batendo com o pé com toda a força.

²⁰ Overture: do francês que significa abertura; início de uma ópera.